

## **Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora**

**Luciana de Oliveira Dias<sup>1</sup>**

### RESUMO

Neste artigo, foi aberta uma comunicação com o mito de Oxum, Orixá de energia feminina do candomblé afro-brasileiro que permitiu discussões sobre os múltiplos processos de articulação e construção de saberes não hegemônicos. A mitologia dos Orixás, com todo o conjunto de signos, significados e simbologias que são subjetivamente construídos, contém uma linguagem e uma performance que contribuem para a consolidação de aspectos culturais responsáveis pela constituição de filiações e pertencimentos, gerando um *ethos* particular extremamente complexo. Neste manuscrito, por meio de uma descrição de uma narrativa mítica de Oxum, é revelada uma epistemologia subalternizada que padece contemporaneamente com cruéis processos de epistemicídios e ontoepistemicídios, mas que segue sendo insurgente, transgressora e insubmissa.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia dos Orixás. Oxum. Plurisaberes. Pedagogia transgressora.

## **Mirroring in *Oxum's Abebé*: for an unsubmitted mythical narrative and a transgressive pedagogy**

### ABSTRACT

In this article I started a communication with the myth of *Oxum*, *Orixá* of feminine energy from afro-brazilian religion *candomblé*. Discussions were made about the multiple processes of articulation and construction of non-hegemonic knowledge. The mythology of the *Orixás*, plus the whole set of signs, meanings and symbologies that are subjectively constructed, contains a language and a performance that contribute to the consolidation of cultural aspects. These aspects are responsible for the constitution of affiliations and belongings, generating an extremely complex particular ethos. In this text, through a description of a mythical narrative by *Oxum*, a subalternized epistemology is revealed. This epistemology of African origin suffers at the same time with cruel processes of epistemicides and ontoepistemicides, but it remains insurgent, transgressive and not submissive.

KEYWORDS: Mythology of the *Orixás*. *Oxum*. Multiple knowledge. Transgressive pedagogy.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: [professoralucianadias@gmail.com](mailto:professoralucianadias@gmail.com).

## **Imágenes reflejadas en el Abebé de Oxum: para una narrativa mítica no sumisa y una pedagogía transgresora**

### RESUMEN

En este artículo se abrió una comunicación con el mito de *Oxum*, *Orixá* de la energía femenina del candomblé afrobrasileño. Este manuscrito permitió discusiones sobre los múltiples procesos de articulación y construcción del conocimiento no hegemónico. La mitología del *Orixás*, con todo el conjunto de signos, significados y simbologías que se construyen subjetivamente, contiene un lenguaje y una actuación que contribuyen a la consolidación de los aspectos culturales responsables de la constitución de afiliaciones y pertenencias, generando un *ethos* particular extremadamente complejo. En este texto, mediante una descripción de una narración mítica de Oxum, se revela una epistemología subalternizada que sufre simultáneamente con crueles procesos epistemicidas y ontoepistemicidas, pero la misma sigue siendo insurgente, transgresora y no sumisa.

PALABRAS CLAVE: Mitología del *Orixás*; *Oxum*; Conocimiento plural; Pedagogía transgresora

### **Introdução**

Conta a mitologia dos Orixás (divindades) que o Ifá foi instituído por Òrúnmìlà (Orixá do oráculo) que, optando por nunca mais vir ao Aiyé (mundo onde vivem os seres humanos), entrega a seus filhos e filhas dezesseis nozes de dendê advertindo-os que deveriam consultar esse oráculo, o Ifá, quando quisessem falar com o pai. O oráculo de Ifá, em variados cultos, adquire o estatuto de Orixá que pode ser além de consultado, cultuado como o Orixá da adivinhação. Existem hoje diversos métodos de consulta ao Ifá que são desenvolvidos por sacerdotes (babalorixás) do candomblé, sendo que o jogo de búzios é o mais comumente utilizado.

A consulta ao Ifá fora uma atividade exclusivamente masculina durante séculos, todavia as mulheres passaram a consultá-lo devido a um feito de Oxum (Orixá das águas doces – também grafada como Òsun), envolvendo Obàtálá (o Orixá da criação) e Exu (o Orixá mensageiro), que lhe rendeu a permissão para consultar/jogar búzios e obìs (noz-de-cola). O grande ensinamento deixado por Ifá a toda humanidade diz sobre o poder de comunicação com os deuses que habitam Òrun, ou seja, o mundo dos Orixás, o espaço sobrenatural.

Os dezesseis signos são chamados de odù de Ifá (PRANDI, 2002), cujo corpo literário contém, pelo menos, uma centena de histórias relacionadas a cada um desses odùs. Uma consulta ao odù de Ifá possibilita entender o passado, o presente, o futuro, bem como a origem mística de todas as coisas, de toda a psicologia humana, de todas as formas de pensar

e atuar da humanidade. Possibilita entender aprofundadamente também as doenças espirituais, a cura que pode ser alcançada pelos ritos altamente elaborados e pela farmacologia vegetal.

Odùs são presságios, destinos, caminhos, predestinação, são inteligências que colaboram para a criação de todo o universo. Cada pessoa traz um odù de origem e cada Orixá (também grafada como Òrìsà) é governado por um ou mais odùs. Os odùs são os principais responsáveis pelos destinos das pessoas e dos mundos, tanto o Òrum quanto o Aiyé. Desta forma, os Orixás não mudam os destinos, mas executam funções na natureza liberando energia para que todos os seres vivos encontrem seu caminho.

Este artigo pode ser lido como uma tentativa de percorrer um caminho que possibilita desvendar um odù, que rege uma história a ser contada. Uma consulta ao Ifá que revela um destino disposto a apresentar uma roda dos Orixás que dialoga francamente com questões humanas. O destino das pessoas e de tudo o que existe pode ser desvendado por meio da consulta ao Ifá, portanto um dos propósitos neste artigo é informar sobre uma participação em um jogo divinatório que transita por esta religião de matriz africana, resultante de uma negociação de variados elementos culturais religiosos, o que faz com que ela seja entendida como sincrética, ou seja, aberta às trocas e interlocuções - e não submissa, já que apresenta uma narrativa mítica insubmissa. À guisa de datação histórica, o candomblé se formou e se consolidou no Brasil no final do século XIX, ou seja, no final do período escravista (SILVA, 2005).

A religião dos Orixás apresenta uma mitologia que congrega saberes não hegemônicos, desenvolvendo uma linguagem (BUTLER, 1970) que informa sobre fatos elementares do espírito humano. Os elementos constitutivos da mitologia relativa à religião de inspiração iorubá<sup>2</sup> (ALMEIDA, 2006) exprimem um drama mítico que expressa fatos fundamentais da vida humana. A mitologia dos Orixás enseja o nascimento e a morte, o amor e o ódio, a guerra e a paz, bem como suas variantes intermediárias e fronteiriças. Substrato para as representações coletivas, os mitos são rudimentos formadores de um ser no mundo que cria e estabelece relações socioculturais.

Para pensar de maneira mais aprofundada, da mitologia dos Orixás foi selecionado o mito de Oxum como expressão de uma narrativa capaz de performatizar um *ethos*. A noção de performance está em consonância com a apresentada por Judith Butler (2003) e sugere uma construção dramática e contingente de sentidos. A apreensão de uma performance induz à abrangência de uma superfície cuja permeabilidade é política e culturalmente regulada. Basta

---

<sup>2</sup> Os Iorubás são um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental. Todo o fundamento mítico-religioso do candomblé brasileiro é associado aos Povos Iorubás.

aqui pensarmos nos corpos dos indivíduos, por exemplo, que ritualizam uma performatividade que expande inclusive aspectos objetivos da vida. Os pertencimentos e filiações, a partir desta perspectiva, são percebidos e analisados como contendo uma dimensão performativa, o que permite a apreensão do simbólico.

O objetivo da escrita ora apresentada é propiciar um conhecimento dos desígnios de um Orixá específico, Oxum, quando em uma relação dialógica com categorias de entendimento indicadoras de múltiplas epistemologias insubmissas. Oxum faz parte do conjunto mitológico que compõe o candomblé, conforme manifestado no Brasil e é concebida como a divindade do amor verdadeiro, aquela que rege a beleza e a sensualidade. Dona do ouro, da riqueza, da candura e da meiguice, a cor associada a esta Orixá é o amarelo. Mãe das águas doces, Oxum representa as cachoeiras, sendo associada à maternidade e à fertilidade. No candomblé, Oxum é saudada com a expressão “Ora iê iê ô!”.

## **1. Na roda dos Orixás: uma aproximação panorâmica da mitologia iorubana**

Acerca da compreensão dos mitos, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (2004) pondera que um mito não existe isoladamente, mas está intrinsecamente relacionado com outros mitos, sugerindo que sejam analisados conjuntamente. Atenta a esta orientação, é apresentado este tópico do artigo como um esforço de descrição de um conjunto mitológico dos Povos Iorubás, das terras africanas. Essa descrição é feita não a partir do continente de onde foram germinadas, mas a partir da forma como renasceram e se atualizaram no Brasil, especialmente no candomblé. Esta perspectiva também foi adotada também por Ronilda Iyakemi Ribeiro (1996), quando estudou os Iorubás como a alma africana no Brasil.

O candomblé é caracterizado pelo culto aos mitos de origem africana que comunicam sobre as belas e trágicas histórias dos deuses que povoam o Òrun (lugar no infinito, muito equivalente ao céu) e o Aiyé (lugar em que habitam os seres humanos, a Terra) (BENISTE, 2013). A partir da mitologia dos Orixás é possível compreender a origem do mundo desde uma perspectiva não hegemônica e também conhecer formas diferentes de estabelecimento de vínculos entre os seres humanos. Assim sendo, uma mitologia, via simbolismos, além de se constituir como uma expressão do sagrado, opera como um ordenador da vida sociocultural, já que indica padrões de comportamento a serem seguidos, ou ainda a serem evitados.

Tomando como ponto de partida a concepção discutida por Reginaldo Prandi (2001), pode ser entendido que Orixás são deuses que receberam do ser supremo (Olodumare / Olorum) “a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana” (PRANDI, 2001, p. 20). Assim compreendido, o panteão iorubano é repleto de deuses que são cultuados atualmente na África, nas Américas, sobretudo no Brasil, e em boa parte do mundo. Importante ressaltar a relevância de escritas como as de Maria Inez Couto de Almeida (2006) que reúnem e organizam narrativas que anunciam um conhecimento mítico e os mitos africanos e afro-americanos dos Orixás.

Os mitos possibilitam responder questionamentos apresentados pelos seres humanos, apaziguando e organizando dimensões das vidas, das origens, das trajetórias, das personalidades. Os mitos dizem respeito a extensão mensurável de uma bioética, como ética da vida. Para Mircea Eliade (1998) os mitos, bem como sua cosmogonia, podem ser tomados como modelos arquetípicos para toda criação, esteja ela no plano biológico, espiritual ou psicológico. Desta forma, o mito constitui-se como o fundamento do rito em que os atores sociais aparecem mascarados ou travestidos. O mundo imaginado está intrinsecamente ligado à estrutura das sociedades e o sagrado, que edifica crenças, orienta pensamentos e atitudes.

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa história é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma criação, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos (ELIADE, 1972, p. 22).

As narrativas míticas, assim sendo, devem ser analisadas também como conhecimento acumulado que considera o conhecimento divino, anterior aos homens, portanto inquestionável. Para compreender a complexidade das mitologias é fundamental entender o pensamento cosmogônico e o pensamento cosmológico como coexistentes, e em constante interação, atuando em uma mesma sociedade e cultura. O mito entendido desta forma contém uma dimensão lógica caracterizada pela coerência e pela potencialidade em satisfazer necessidades humanas de compreender os elementos cósmicos e também o próprio cosmo. O mito é sacralizado no candomblé, sendo que toda uma ancestralidade adquire materialidade durante o culto e revela de maneira incontestável que o “sagrado existe” (KUJAWASKI, 1994).

Considerar a dimensão lógica do mito é importante já que ela está intimamente relacionada à aquisição de conhecimentos objetivos. Neste sentido, o culto aos Orixás, acontecido no candomblé, assegura uma produção, transmissão e atualização de saberes que no âmbito deste artigo são categorizados como transgressores, já que questionadores de um *status quo* ocidental e eurocêntrico. Sobre a transgressão bell hooks<sup>3</sup> (2013), ao estudar a educação como prática de liberdade para pessoas negras, assevera que conhecer e autoconhecer, saber sobre o mundo, sobre si e sobre todas as coisas, é um ato contrahegemônico que implica em transgredir fronteiras do preconceito e da discriminação.

Neste sentido, o culto às ancestralidades africanas é uma experiência concreta, localizada no tempo e no espaço e que induz os indivíduos a performances dramáticas de uma complexa e transgressora cosmovisão. Marcel Mauss (1974) destaca que a “observação do sujeito” implica apreender de modo integral e em seu conjunto a totalidade que constitui as relações socioculturais. Em um esforço por atender a essa recomendação, será apresentado rapidamente, aquilo que Paulo Petronílio Correia (2009) chamou de “xirê dos orixás”, ou seja, a representação da ordem dos Orixás, conforme cultuados no candomblé no Brasil.

Os dezesseis Orixás amplamente cultuados no Brasil são: *Exu* - Deus dos caminhos e das encruzilhadas, mensageiro entre os Orixás e os seres humanos; *Ogum* - Divindade da metalurgia, do ferro, do aço e outros metais fortes, patriarca dos exércitos e dono das armas; *Oxosse* - Divindade da caça e da abundância que tem como características a ligeireza e a astúcia. Rei da Nação Ketu; *Ossaim* - Deus das ervas e folhas, das plantas medicinais e de tudo que cresce livremente; *Omolu* - Filho de Nanã e vinculado à morte e às doenças. É o “médico dos pobres” e o senhor do interior da Terra; *Nanã* - Deusa da morte, seu elemento é a água parada, o lodo e a lama; *Obá* - Senhora do Rio Obá, na Nigéria, é ligada às inundações e enchentes. Cortou sua própria orelha para encantar Xangô, com quem se casou; *Iansã* - Deusa dos raios e da beleza desse fenômeno natural, das ventanias e furacões. Dona da espada de fogo e da guerra. Uma das esposas de Xangô; *Oxumaré* - Deus do movimento, o arco-íris, sinal de bons tempos e de bonança. Representa o dinheiro e o lucro; *Ewá* - Divindade do canto, dos sons da natureza, das coisas alegres e vivas. Rainha das mutações e transformações orgânicas e inorgânicas; *Ibeji* - Orixá enquanto criança, no candomblé os Ibejis são irmãos gêmeos mensageiros dos Orixás; *Oxum* - Divindade do amor verdadeiro, ela rege o charme, a sensualidade, o dengo e a sutileza. Dona do ouro, da riqueza, da candura e da meiguice. Mãe das águas doces representa as cachoeiras, é guerreira e uma das esposas de Xangô; *Logunedé*

---

<sup>3</sup> Pseudônimo (escrito em minúsculas por uma opção política da própria bell hooks) da escritora, educadora, feminista e ativista social negra e estadunidense Gloria Jean Watkins.

- Filho de Oxosse e Oxum. Herdou a riqueza da mãe e a fartura do pai, além da beleza dos dois. É um Orixá andrógino, encanto dos jovens e dos dois sexos; *Xangô* - Deus da justiça e pai da política. Rei de Oyó, na Nigéria, a antiga capital política daquele país. Senhor dos raios, dos trovões e do fogo é conquistador e representa a nobreza; *Iemanjá* - Deusa das águas salgadas e mãe de todos os Orixás. Um dos Orixás mais cultuados no Brasil; *Oxalá* – Amplamente cultuado como Oxaguiã, o Oxalá jovem e guerreiro e também como Oxalufã - Oxalá velho, esposo de Iemanjá e pai de toda a humanidade. Representado pelo pombo da paz.

Após esta descrição para melhor conhecimento dos Orixás, resta informar que sua dramatização nos ilês axés<sup>4</sup>, ou aquilo que pode ser chamada de dança dos Orixás é sempre apresentada em uma roda. Os círculos são formados pelos filhos e filhas de santo que representam os próprios Orixás em Terra e que recorrem à mascarada, ou à performance, para dar materialidade e corpo ao “santo”, que é o próprio Orixá. Chamo aqui de mascarada um forte apelo a dramas ritualísticos que são construídos como materialização do mito e/ou representação do vivido. Durante os rituais, que têm duração mínima de duas horas, o ideal é que uma grande quantidade de Orixás esteja representada na roda, muito embora não seja obrigatória a presença de todos. Aliás, é importante informar que existem rivalidades entre alguns Orixás que não devem se encontrar em uma mesma cerimônia, afinal quando de sua presença física na Terra, no continente africano, em tempos imemoriais, eram reis e rainhas que disputavam poder e território.

Toda a trama mitológica dos Orixás propicia inúmeras análises, reflexões e discussões, além de revelar plurisaberes relativos a uma religião de matriz africana que problematiza, e não se submete, uma “história única” acerca do mundo, dos seres humanos, e da vida neste planeta e além dele. Os sistemas simbólico-religiosos detêm um poder normatizador que conforma subjetividades as mais diversas, instituindo padrões de comportamento, de valores e de princípios. Um questionamento desafiador para reflexões futuras, e em outros formatos que não este artigo, diz respeito ao encontro entre as ortodoxias religiosas e a heterodoxia da vida cotidiana dos sujeitos religiosos.

Sobre a história única, a contadora de histórias nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) adverte sobre seus perigos. Uma história única aprisiona em uma teia de estereótipos tudo e todos que são subjugados e subalternizados. Ainda hoje no Brasil, conforme pode ser constatado nos registros dos inúmeros crimes de intolerância religiosa, as religiões de matriz

---

<sup>4</sup> Ilê axé é o mesmo que casa das forças; pode ser tomado, sem grandes prejuízos, como sinônimo de templo. O mesmo que casa de santo, barracão ou terreiro.

africana, que são alvo de 59% desses crimes (RIOS, 2019), encontram-se aprisionadas em uma perigosa história única que as demoniza, deslegitima e violenta cotidianamente. Ao revelar os plurisaberes ocultados pela história única das religiões cristãs, ainda que em um modesto artigo como este, abrem-se horizontes epistêmicos e promove-se um enfrentamento a perversos processos de epistemicídios e ontoepistemicídios.

O epistemicídio é um instrumento operacional que conduz a hierarquizações em um campo de saber específico (CARNEIRO, 2005). Assim sendo, pode ser entendido como um eficaz instrumento de dominação, pela eliminação de um conhecimento que é destituído de racionalidade e de civilidade. O epistemicídio opera pela destruição de determinados saberes, todavia, ao eliminar os saberes desestrutura de maneira destrutiva os sujeitos desses mesmos saberes, revelando a face cruel do ontoepistemicídio. Pode-se avançar muito nessas reflexões, mas por hora, e depois desta aproximação panorâmica da roda dos Orixás, seguirá uma descrição analítica do mito de Oxum, que pode ser entendida aqui como uma unidade de significação do conjunto de mitos que compõe a religião dos Orixás.

## **2. Ora iê iê ô!: Espelhamentos no Abebé de Oxum**

A yabá (Orixá de energia feminina) Oxum é a rainha das águas doces e tem poderes de se transformar em um peixe. É a deusa do ouro, da beleza, da riqueza e da vaidade. Em suas representações se veste de amarelo e dourado e usa um abebé (espelho) na mão. Divindade da fertilidade e rainha de Ijexá é saudada por seus filhos com a expressão: Ora iê, iê, ô. Ao nos reportarmos ao culto a Oxum no Brasil, nos deparamos com uma divindade oriunda de uma região específica da Nigéria, o antigo reino de Ijexá, que é onde Oxum reinou e reina, já que habita um rio com seu nome. Às margens do Rio Oxum, a deusa foi e ainda é cultuada como uma força ancestral que articula dimensões religiosas, filosóficas, socioculturais e políticas. Embora no Brasil tenha sido sincretizada como a virgem Nossa Senhora da Conceição, Oxum apresenta atributos que a aproximam do profano, ou do desregramento do feminino. Esta Orixá é também expressão da sexualidade, da imoralidade, do desejo como inclinação indicando uma ruptura com uma carga valorativa e promovendo uma ressignificação da relação entre sagrado e profano. Oxum representa o ventre e a sensualidade, o nascimento e a sexualidade.

Rita Laura Segato (2005), ao informar como os Orixás são vistos pelos integrantes do culto no estudo que faz sobre o pensamento arquetipal do Xangô do Recife, oferece um

esquema condensado dos traços dos orixás, com o objetivo de diferenciar os Orixás e também permitir reconhecer, pela personalidade, os diferentes perfis de filhos de santo. Quanto à Oxum, a antropóloga argentina destaca, além de discorrer sobre cada um deles (SEGATO, 2005, p. 210-213), como traços mais expressivos, que regularmente são herdados por seus filhos de santo, a extroversão, a vaidade, as habilidades, o caráter prestativo, o dengo, o sentimentalismo, a complacência, a fidelidade, a covardia e o fuxico.

Filha de Iemanjá e Orunmilá (Ifá – o oráculo), Oxum teve três maridos: Ogum, Xangô e Oxosse, sendo que deste último gerou Logunedé que viveu seis meses com o pai, nas matas e seis meses com a mãe, nas águas doces. A yabá se apaixonou perdidamente por Xangô e aceita ser uma de suas três esposas, embora ela seja alvo de disputas apaixonadas e intermináveis entre os irmãos Xangô e Ogum. A tradição oral não permite que esqueçamos que quando Oxum vivia com Xangô, “Ogum reconquistou Oxum e a levou de volta em sua companhia. E ela vai com ele por toda parte, morando nas estradas, fazendo a guerra.” (PRANDI, 2001, p. 97).

A belicosa Oxum é também aquela que revela traços dóceis e afáveis de uma mulher meiga e devotada aos cuidados com a casa, as crianças e a comida. Sabemos que Oxum era responsável pelo cuidado das mulheres e das crianças da aldeia quando os homens partiam para a guerra. Agregadora de papéis e poderes múltiplos ela é considerada a protetora dos ventres férteis, ela tem também poderes de tornar as mulheres e as plantações estéreis. É fundamental ressaltar que todas as características dos Orixás, que devem ser profundamente conhecidas por aqueles que os cultuam, são tomadas como arquétipos, ou protótipos que devem ser herdados pelos “filhos do santo” e por eles zelosamente performatizados. Assim sendo, cultivar um Orixá implica, para quem é candomblecista, desempenhar bem as “qualidades”, características de personalidade, daquele Orixá, já que essas são como traços transmitidos hereditariamente.

Aceitando o desafio de descrever mais aprofundadamente o mito de Oxum, seguem mais algumas histórias que são ensinadas pela tradição oral de maneira cuidadosa pelos “pais de santo”, “zeladores de santo”, babalorixás, (sacerdotes) e “mães de santo”, “zeladoras de santo”, yalorixás, (sacerdotisas) aos seus “filhos” e “filhas”, contendo um objetivo nitidamente pedagógico. Uma pedagogia que pode ser tipificada como transgressora, já que insere no âmbito das interações socioculturais e religiosas princípios e valores de ancestralidades de matriz africana que subvertem padrões eurocêtricos hegemônicos. Sabe-se que:

Logo que o mundo foi criado, todos os orixás vieram para a Terra e começaram a tomar decisões e dividir encargos entre eles, em conciliábulo nos quais somente os homens podiam participar. Oxum não se conformava com essa situação. Ressentida pela exclusão, ela vingou-se dos orixás masculinos. Condenou todas as mulheres à esterilidade, de sorte que qualquer iniciativa masculina no sentido da fertilidade era fadada ao fracasso. Por isso, os homens foram consultar Olodumare. Estavam muito alarmados e não sabiam o que fazer sem filhos para criar, nem herdeiros para quem deixar suas posses, sem novos braços para criar novas riquezas e fazer as guerras e sem descendentes para não deixar morrer suas memórias. Olodumare soube, então, que Oxum fora excluída das reuniões. Ele aconselhou os orixás a convidá-la, e às outras mulheres, pois sem Oxum e seu poder sobre a fecundidade nada poderia ir adiante. Os orixás seguiram os sábios conselheiros de Olodumare e assim suas iniciativas voltaram a ter sucesso. As mulheres tornaram a gerar filhos e a vida na Terra prosperou (PRANDI, 2001, p. 345).

Conta-se ainda que a arte de ler o destino nos búzios (o oráculo de Ifá) foi sempre guardada como um grande segredo por Obatalá (o Senhor do Pano Branco), que se negava a passar adiante essa arte. A bonita e curiosa esposa de Xangô pedia inúmeras vezes para aprender a arte da adivinhação, mas Obatalá sempre se recusou a ensiná-la. Certo dia Exu rouba as imaculadas vestes brancas de Obatalá enquanto ele se banhava no rio. Envergonhado de sua nudez, o velho sábio aceita a ajuda oferecida por Oxum que seduz e “se deita” com Exu com o objetivo de recuperar as roupas de Obatalá. Oxum devolve as roupas a Obatalá e exige que ele cumpra o prometido a ela, ou seja, que ele a ensine a arte de jogar os búzios. Desde então, Oxum tem também o segredo do oráculo. Desta feita, é a única yabá autorizada a consultar Ifá.

A descrição das narrativas mitológicas associadas a Oxum apresenta-se como sedimento para uma melhor compreensão do que podemos chamar de personalidade do Orixá em questão. Conhecer o mito de Oxum, neste contexto, implica ampliar possibilidades analíticas que favorecem um aprofundamento reflexivo acerca dos mitos, dos Orixás, da cultura religiosa do candomblé, de uma narrativa mítica insubmissa e de uma pedagogia transgressora. Da mesma forma, conhecer o mito de Oxum viabiliza aventurar-se em uma possibilidade interpretativa das relações socioculturais e das formas de interação de seus filhos e filhas de santo.

Todos os Orixás, obviamente também Oxum, transmitem, como uma herança ancestral, para seus filhos e filhas todas as características que compõem as suas personalidades. Uma das características herdadas pelos filhos e filhas de Oxum diz sobre uma vaidade que cultua a beleza aliada a uma personalidade estrategista. A yabá da graciosidade usa um abebé na mão para ver refletida toda sua beleza, mas que, contudo, é utilizado por ela também como um instrumento que a adverte, já que reflete também o que há atrás de si, de

possíveis ataques inimigos. O abebé permite antecipar perigos e derrotar inimigos, por espelhá-los à percepção de Oxum.

O arquétipo emprestado por Oxum àquelas pessoas que a cultuam, por meio de uma narrativa mítica, pode ser entendido como muito coerente com uma proposta de insubmissão aos padrões binários. Como por exemplo, o padrão instituído pelo patriarcado de que as mulheres são sempre dóceis e meigas é desestruturado pelo uso que Oxum faz de seu abebé. O espelho tem a função não somente de revelar aos seus olhos a própria beleza, mas permite refletir o perigo que há atrás de si e provocar reações estratégicas e belicosas. Todos, absolutamente todos, os reflexos no abebé de Oxum podem ser lidos como indicadores de uma pedagogia transgressora (HOOKS, 2013), crítica e emancipatória (FREIRE, 1996), que torna possíveis os encontros, encantos e cuidados, ao mesmo tempo em que possibilita enfrentar e transgredir fronteiras de opressão, dominação e controle.

A cozinha é também estrategicamente utilizada não somente para alimentar a si e a todas as pessoas que necessitarem, mas para cozer veneno e oferecer aos seus inimigos. Ainda sobre suas estratégias para vencer uma das guerras travadas, Reginaldo Prandi conta:

Oxum era a rainha de um grande e rico território. Um dia seu reino foi invadido por um povo chamado Ioni. Os invasores derrotaram as forças de Oxum. Para não ser aprisionada, Oxum teve que fugir na escuridão da noite. Do lugar onde se escondeu, mandou uma mensagem a seus súditos fiéis. Deviam cozinhar um ebó de milhares de abarás e depositar o alimento nas margens de um rio, por onde passariam os conquistadores, que continuavam a guerra com outros povos. Quando os exércitos invasores passaram por aquele sítio, depararam com as irresistíveis guloseimas. Estando os soldados cansados e famintos, os abarás do ebó de Oxum foram imediatamente devorados. Os abarás comidos pelos inimigos foram veneno mortal e todos os guerreiros Ioni tiveram morte imediata. Oxum voltou a reinar e daí por diante, devido à vitória, tomou para si o nome do invasor derrotado e foi por todos chamada Oxum Ioni (PRANDI, 2001, p. 343).

Finalmente, a pedagogia transgressora que pode ser apreendida a partir do mito de Oxum, em articulação com todo seu conjunto mitológico afro-brasileiro, informa sobre uma totalidade capaz de interligar o social com o individual e o físico com o psíquico em um empreendimento muito próximo daquilo que Marcel Mauss (1974) chamou de “fato social total”. Sendo o fato social total mobilizador de dimensões socioculturais, religiosas, econômicas e políticas, além de atualizador de toda uma tessitura sócio-política-psicológica que constrói e é construída pelos sujeitos culturais. A Oxum narrada, performatizada e cultuada abarca várias temporalidades e espacialidades, conformando um arquétipo, profundamente pedagógico, para todas as pessoas que têm esse Orixá de energia feminina guiando seu Ori (cabeça ou destino).

## **Finalizando uma dança de Yabá**

As significações mitológicas que expressam o pensamento humano ao mesmo tempo em que o constrói, tais quais aquelas atreladas a Oxum, disponibilizam e congregam uma multiplicidade totalizadora. Assim sendo, fundamental é considerar toda a dinamicidade, porosidade e multiplicidade de papéis, padrões e categorias simbólicas que subvertem qualquer compreensão mais estanque, dicotômica e reducionista. O complexo mitológico ancestral africano alimenta e é alimentado pela pluralidade e dinamicidade das culturas humanas que são abaladas e atualizadas por narrativas insubmissas questionadoras de bases de sustentação societárias, tais quais aquelas fundadas no racismo e no machismo.

O mito de Oxum, entendido como fato social total, desestabiliza categorias de conhecimento ordenadoras de uma cultura patriarcal e colonizada, alargando e multiplicando fronteiras epistêmicas e ontoepistêmicas. Oxum, inserida em todo seu conjunto mitológico de ancestralidade africana, permite vislumbrar uma pedagogia transgressora, como aquela inspirada no abebé de Oxum, que possibilita o reconhecimento do belo de si refletido no espelho e também o estratégico domínio do ambiente que é co-habitado, inclusive pelo opressor que intenciona estabelecer domínio pela força e pela violência.

Para finalizar essa dança com Oxum e fechar essa comunicação que fora aberta por Exu, o Orixá dos caminhos e também das encruzilhadas, é apresentada uma saudação à Oxum por permitir a inserção de diferentes cosmologias e epistemologias e por permitir também lampejos sobre processos de articulação e construção de saberes não hegemônicos, neste caso específico de matriz afro-brasileira. A narrativa mítica de Oxum é reveladora de uma epistemologia insurgente que por meio de uma narrativa insubmissa é pedagogicamente orientada à denúncia, desestruturação e transgressão de cruéis processos históricos de epistemicídios e ontoepistemicídios que violentam populações negras, no Brasil e no mundo. Ora, iê, iê, ôh!

## Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História Única*. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Maria Inez Couto de. *Cultura Iorubá: costumes e tradições*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BENISTE, José. *Órun Áiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-iyorubá entre o céu e a terra*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Mito e Linguagem Social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser*. 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo / USP. São Paulo. 2005.

CORREIA, Paulo Petronílio. *Agô, Orixá! Gestão de uma jornada afro-estética-trágica: o relato de um aprendizado e de uma formação pedagógica vivida no candomblé*. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS. 2009.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KUJAWASKI, Gilberto de Mello. *O Sagrado Existe*. São Paulo: Ática, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido. Mitológicas 1. & Do mel às cinzas. Mitológicas 2*. São Paulo: CosacNaify, 2004.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

PRANDI, Reginaldo. *Ifá, o advinho: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma Africana no Brasil: Os Iorubás*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

RIOS, Alan. Religiões de matriz africana são alvos de 59% dos crimes de intolerância. Correio Brasiliense. Brasília: 11/11/2019. Disponível em:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/11/interna\\_cidadesdf,805394/religioes-de-matriz-africana-alvos-de-59-dos-crimes-de-intolerancia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/11/interna_cidadesdf,805394/religioes-de-matriz-africana-alvos-de-59-dos-crimes-de-intolerancia.shtml)

SEGATO, Rita Laura. Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda*: caminhos da devoção brasileira. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

Submetido em 11 de junho de 2020.

Aceito em 14 de setembro de 2020.

Publicado em 20 de outubro de 2020.